

## **A Rádio Difusora Acreana e o Movimento Autonomista**

PINHEIRO, Francisco de Moura.  
Mestre em Comunicação pela Universidade de  
Brasília (UnB) e professor do Instituto  
de Ensino Superior do Acre (Iesacre) - Acre -  
[fdandao@gmail.com](mailto:fdandao@gmail.com) - História da Mídia Sonora.

GONÇALVES, Márcia Nemetala Dourado.  
Graduada em Jornalismo pelo Instituto de  
Ensino Superior do Acre (Iesacre) - Acre -  
[marcianemetala@gmail.com](mailto:marcianemetala@gmail.com) - História da Mídia Sonora.

### **RESUMO**

Anexado ao Brasil em novembro de 1903, por força da assinatura do Tratado de Petrópolis, após um sangrento conflito com a Bolívia, o Acre foi transformado em Território Federal em abril de 1904, num regime onde não lhe cabia nenhuma autonomia político-administrativa. A partir de então, os acreanos iniciaram vários movimentos contestatórios desse poder, exercido, muitas vezes, à distância, por pessoas estranhas e quase sempre alheias aos reais problemas locais. Nos anos de 1950, tendo na linha de frente o deputado federal José Guimard dos Santos (PSD), o sonho de emancipação dos acreanos ressurgiu com força, depois de um desânimo temporário nas décadas de 1930 e 1940, face, respectivamente, à ditadura do Estado Novo e à Segunda Guerra Mundial. Em junho de 1962, finalmente, após anos de tramitação, foi aprovada no Congresso Nacional a lei que transformou o Acre em Estado. Entre os fatos determinantes para o desfecho almejado, a participação fundamental da Rádio Difusora Acreana, denominada “A Voz das Selvas”, a primeira do então Território, inaugurada em agosto de 1944. O que este artigo pretende descrever é a importância da referida emissora para o sucesso da empreitada autonomista.

**Palavras-chave:** Mídia Sonora; Movimento Autonomista; Rádio Difusora Acreana; A Voz das Selvas.

### **1. Ecos dos homens: a caixinha milagrosa e a invasão dos marcianos**

O primeiro conflito da história da humanidade? Não há uma referência precisa sobre o assunto. Mas é bastante possível que tenha acontecido no exato momento em que um homem solitário nos jardins do Éden (ou numa planície qualquer do período Neanderthal) tenha contemplado seu próprio rosto na superfície lisa de uma lagoa azul.

Daí desse momento inicial, qualquer que seja a corrente teórica (criacionista ou evolucionista), para a década de 1930, no século XX, depois, inclusive, que o *homo sapiens* se declarou “iluminista” e/ou “racional” rios de sangue escorreram pelas encostas das montanhas, encharcaram os vales e aumentaram o nível das águas dos oceanos.

Nada, porém, comparável ao que estava por vir, a partir de setembro do ano de 1939 (chamado da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo pelos escribas denominados católicos), quando de divergências decorrentes de um certo Tratado de Versalhes, assinado por vencedores e vencidos de uma outra carnificina, esta ocorrida na segunda década do mesmo século XX.

Alemanha e Áustria, as potências vencidas, não se conformaram em perder uma faixa de terra que lhes dava acesso ao mar Báltico, nem com as restrições de não poder desenvolver pesquisas bélicas ou realizar projetos militares. E menos satisfeitas ainda com a obrigação de pagar 269 bilhões de marcos-ouro aos países aliados, Estados Unidos, Inglaterra e França.

Aliada a essas questões diplomáticas, ressaltou-se ainda a crescente miserabilização de alemães e austríacos, com uma inflação absurda acoçando as duas nações, cujos habitantes não tinham sequer recursos suficientes para uma dose mínima de alimentação diária. Uma situação insuportável, cujo desfecho mais provável era mesmo o extremismo.

A tradição militar da Alemanha, consorciada com a sua grande densidade populacional (cerca de 65 milhões de habitantes), não poderia deixar em brancas nuvens a situação. Cedo ou tarde, era evidente, ela emergiria para reivindicar o seu lugar no rol das potências européias, nesse instante representadas quase que exclusivamente por Inglaterra e França.

Tudo indica que os diplomatas burgueses haviam esquecido as lições do Congresso de Viena, em 1815, quando os vencedores de Napoleão procuraram não humilhar a França, a nação mais povoada da Europa Ocidental naquela época. Um esquecimento, os registros provariam pouco tempo depois, fatal para a deflagração do maior conflito bélico da história.

A contradição entre potencial demográfico e industrial e o não reconhecimento diplomático de um estatuto privilegiado para a Alemanha, possibilitaram o surgimento de um líder da estirpe de Adolf Hitler, que magnetizava multidões com o seu discurso

fácil, competentemente apoiado pelas peças de propaganda ideológicas produzidas por um dos seus principais escudeiros, o ministro nazista Paul Joseph Goebbels.

Estima-se que mais de cinquenta milhões de indivíduos morreram e outros trinta milhões ficaram mutilados durante o desenrolar da II Guerra Mundial, entre aquele fatídico setembro de 1939 e o não menos nefasto agosto de 1945, quando os Estados Unidos destruíram com bombas atômicas as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, aliadas da Alemanha contra o domínio “imperialista” do mundo ocidental.

Paralelamente à própria insanidade (talvez por isso mesmo!), os homens trataram de evoluir tecnologicamente, descobrindo como fazer para comunicar-se a grandes distâncias, atitude imprescindível para quem precisava mandar e receber mensagens para/de amigos e aliados no menor espaço de tempo possível. Não havia mais lugar para sinais de fumaça, pombos-correio ou estafetas. Saber o que se passava à distância era estratégico e vital.

No mesmo ano de 1939, numa feira mundial realizada nos Estados Unidos, executivos da indústria americana apresentavam ao mundo um invento chamado de televisão. Como que num passe de mágica provava-se que era possível transmitir não somente sons, mas também imagens. E tudo isso simultaneamente, para delírio de todos que viviam aquele instante.

Naturalmente, a popularização do novo invento só iria acontecer muitos anos mais tarde, depois que os homens parassem de fazer dos corpos de outros homens o alvo preferido para o destino final das balas que zumbiam a partir das suas carabinas, dos bólidos que partiam dos seus canhões e do universo contido nos posteriores cogumelos radioativos.

O que predominava ainda era a caixinha milagrosa inventada pelo italiano Guglielmo Marconi, na virada do século XIX, denominada rádio, e extremamente popular em todos os quadrantes do planeta. Transmitir a voz humana, após o sucesso do telégrafo sem-fio, tinha se transformado em verdadeira obsessão de todos os cientistas. E isso logo se tornou possível.

Ao sinal transmitido pelo sistema de traço e ponto do Código Morse era perfeitamente possível incorporar outros tipos de irradiações (Landell de Moura, um padre brasileiro, embora os registros mundiais não assinalem, já havia comprovado a teoria alguns anos antes da primeira emissão reconhecida). A prova veio no Natal de 1906, quando telegrafistas, a bordo de navios na costa dos Estados Unidos, ouviram

vozes saindo dos fones usados anteriormente apenas para a audição de *bips* breves e longos.

As chamadas ondas hertzianas foram então domadas e passaram a ser ponte entre os estúdios equipados com o que de mais moderno havia em se tratando de eletrônica e os corações solitários e fiéis de todos os dias e noites de então. Tanta influência que um agitador cultural batizado com o nome de Orson Welles quase provoca uma tragédia ao irradiar, a partir de Nova York, uma fictícia guerra dos mundos, em 1938, um ano antes da II Guerra Mundial, este, ao contrário daquele, um conflito que poucos acreditavam capaz de acontecer, tal o absurdo da idéia.

## **2. Da divisão do átomo às vozes prenes de amor**

No bojo de toda essa ação da II Guerra Mundial, precisamente no dia 7 de agosto de 1944, nos confins da Amazônia Ocidental, fronteira do Brasil com a Bolívia e o Peru, num pequeno estado brasileiro batizado Acre pelos seus primeiros habitantes, azedo pela própria natureza da sua denominação etimológica, exatamente um ano antes do despejar das bombas atômicas sobre os japoneses surgia uma emissora de rádio com o nome de Difusora Acreana, cujas primeiras palavras proferidas no seu microfone, saídas da boca do então governador Silvestre Coelho, foram as seguintes:

Está no ar pela primeira vez, a título de experiência, a Rádio Difusora Acreana. Aproveito o ensejo para enviar ao povo deste Território a minha saudação, desejando que este melhoramento seja sobremodo proveitoso ao desenvolvimento intelectual e ao progresso desta abençoada terra. (Revista *A Voz das Selvas*, 1999, p. 6).

A “Voz das Selvas”, como seria chamada em seguida, veio para iniciar o mais eficaz processo de integração de uma região onde predominavam as endemias, as condições inóspitas e o isolamento. Fatores que faziam os homens enlouquecerem (a ponto de se acasalarem com animais) e perderem seus corações para a fumaça das indefectíveis porongas (espécie de coroas miseráveis) e das intermináveis defumações.

O caráter experimental da nova emissora durou por exatos dezoito dias. Em 25 de agosto de 1944 a Rádio Difusora Acreana, com uma potência de 1460 quilociclos, passou a funcionar em caráter permanente, transmitindo na sua programação diária,

entre outras informações, as últimas notícias da Força Expedicionária Brasileira no *front* da II Guerra Mundial e a cotação internacional da borracha, assuntos mais do que visceralmente ligados para o povo da Amazônia.

Depois do advento da Rádio Difusora Acreana, a comunicação no Estado do Acre nunca mais foi a mesma. A emissora, pode-se dizer sem medo de errar, provocou a maior das revoluções na vida daqueles brasileiros que tinham migrado das caatingas áridas do Nordeste do país para a profundidade de uma floresta praticamente virgem que os tragava com crescente avidez.

A partir de 1948, a Voz das Selvas já era ouvida em várias regiões do país. A prova disso era os telegramas chegados de lugares absolutamente distantes, casos dos estados do Pará, Rio de Janeiro e Paraná, cuidadosamente mantidos nos arquivos da emissora até os dias de hoje. Para estreitar os laços com os seus ouvintes, foi criado um programa de recados, denominado “Mensagens e Melodias para Você”, que se transformou, posteriormente, nos anos de 1970, mantendo a mesma filosofia do programa anterior, em “Correspondente Difusora”, no ar em pleno século XXI.

Com aquela caixinha que falava, eles (os seringueiros) podiam saber notícias dos parentes que tinham vindo fazer alguma coisa na cidade, podiam saber que dia chegava o regatão carregado de mercadorias, tanto para comer quanto para, eventualmente, adornar os corpos suarentos nos encontros mensais nos barracões, onde se trocava a borracha por mantimentos e cachaça. E podiam saber que dia viria o padre (para casar, rezar missas, batizar, ajudar as almas a viajarem para outros mundos etc.).

Com aquela caixinha que falava, as noites sob os tapiris cercados de sons na maioria das vezes aterrorizantes ficaram menos vazias. A magia inventada pelo italiano de nome estranho era capaz de suprir uma solidão que parecia não ter fim em tempos passados. E as vozes daqueles homens que a caixinha levava até eles, de tão bonitas (sonoras, guturais, vibrantes...) só não se transformavam na mais desvairada paixão porque não carecia a um homem se apaixonar por outro. Mas, se um filho houvesse de vir no futuro, estava decidido, o nome seria Cícero Moreira... Ou Índio do Brasil... Ou Garibaldi Brasil... Ou Etevaldo Gouveia... Ou Alfredo Sanches Mubárac... Ou Maria Júlia Soares... Ou Diomedes Andrade... Ou Mota de Oliveira... Ou Natal de Brito, os locutores da época. A voz era o nome... O nome era a voz...

A solidão foi embora. O mundo agora era uma caixinha de música com vozes aprisionadas dentro dela. O planeta era uma aldeia, muito maior que a colocação, muito maior que o seringal, muito maior do que aquela floresta infinita. E o patrão não era

mais dono da verdade absoluta. Nem podia mais botar o preço que bem entendesse na mercadoria. O que as autoridades pensavam, agora, era possível saber diretamente da boca delas.

Podia-se saber o que pensava o presidente Getúlio Vargas (os seringueiros eram heróis, soldados que não pegavam em armas, que não precisavam matar outros homens). Ler e escrever era importante; ouvir era mais importante ainda. Ver uma revista ou um jornal, quando meses depois trouxessem as notícias da cidade ao barracão? Coisa do passado. O rádio era imediato e dizia tudo. Ler era um luxo, o rádio era a vida. A riqueza era só uma questão de tempo.

Podia-se saber qualquer coisa. Inclusive que os marcianos nunca invadiram o mundo. Inclusive que Adolf Hitler meteu uma bala na cabeça para curar o próprio desatino. E se podia saber, igualmente, que os japoneses eram todos loucos que parafusavam seus aviões e mergulhavam de cabeça para a morte no meio dos navios dos “heróis do mundo”, os americanos do norte. Por isso, seus átomos foram divididos em tantos pedaços...

Podia-se saber tudo... O mundo nunca mais seria o mesmo... O rádio existia... A bomba também...!

### **3. Os múltiplos papéis da Voz das Selvas**

Em meados da década de 1940, chegaram aos seringais mais importantes do então Território do Acre os primeiros receptores de rádio. Nessa época a Amazônia voltava a assumir um papel estratégico na produção de borracha, em plena II Guerra Mundial, visto que a indústria bélica era baseada em três principais produtos: o aço, o petróleo e a borracha. Por conta disso, o Acre voltou a viver novamente ares de desenvolvimento econômico e social depois de 30 anos de abandono e decadência.

Atraídos pelo pretense novo Eldorado, difundido pelas propagandas do Governo Federal, milhares de nordestinos, na esperança de um enriquecimento fácil e rápido, migraram para a Amazônia, de um modo geral, e para o Acre, de maneira específica. E todo esse contingente, após devidamente embrenhado na selva densa, tinha como única possibilidade de manter contato imediato com o mundo exterior as vozes dos locutores que lhes chegavam através do receptor de rádio.

Assim, a Rádio Difusora Acreana, de prefixo ZYD-9, vinculada inicialmente ao Departamento Territorial de Imprensa, este dirigido pelo jornalista Wilson Aguiar, passou a exercer um papel fundamental, vital mesmo, na vida dos seringueiros, muitos dos quais jamais tornariam a ver as luzes da cidade, sabendo dela tão somente o que era veiculado na emissora oficial, a pioneira no jovem Território.

Mas, não foram somente os seringueiros que passaram a depender das informações veiculadas pela emissora pioneira. A implantação de uma nova ordem social e urbana em toda a Amazônia Sul Ocidental, que implicava em práticas sociais e culturais importadas de lugares tão distantes quanto as grandes capitais européias, necessitava de um órgão difusor desses hábitos para os habitantes das cidades. Nada melhor, então, do que empreender essa difusão de hábitos urbanos a partir do rádio.

E foi exatamente isso o que aconteceu, no período compreendido entre os anos de 1946 e 1950, no Governo de José Guimard dos Santos, político que se tornaria, no futuro, a principal personagem da elevação do Território do Acre à categoria de Estado.

Diante das peculiaridades do Território do Acre, o rádio tinha um papel preponderante, sendo por muito tempo o único meio que a população acreana dispunha de contato com o mundo exterior. Guimard Santos, consciente desse papel do rádio, priorizou esse setor do seu Governo, substituindo o transmissor do tempo da inauguração por um mais potente e construindo uma sede em alvenaria para a emissora.

Todos os atos do Governo eram divulgados pela emissora. Os locutores, inclusive, por determinação da direção da emissora, liam todas as matérias veiculadas pelo jornal impresso *O Acre*, criado e totalmente bancado pelo poder público. De forma que a população analfabeta também tinha a oportunidade de conhecer os textos apologéticos ao Governo do Estado. A imprensa legava um enorme acervo para o futuro, enquanto o rádio fazia informados todos os que não tinham acesso ao jornal.

Vale destacar, resumindo o período compreendido entre o pós-guerra mundial e os anos de 1950, que no final dos anos de 1940 o Brasil era um país recém democratizado que sonhava em se tornar moderno e industrializado. Era preciso enveredar por esse caminho, uma vez que as divisas acumuladas com uma das suas maiores riquezas naturais, no caso a borracha, haviam se esgotado rapidamente. E tudo levava a crer que assim aconteceria. Principalmente por conta da volta de Getúlio Vargas ao poder, em 1950, quando se deu o início de um processo político voltado para as massas, que dava esperanças a todos de que se abriria um novo tempo, baseado num crescimento econômico inevitável e numa marcante efervescência cultural.

E foi exatamente nesse período que o rádio brasileiro viveu a sua Era de Ouro. O rádio era o centro de tudo. Todas as coisas acabavam de uma forma ou de outra ligadas ao rádio, disseminadas pelo rádio, tratadas pelo rádio, influenciadas pelo rádio. Em nível de país, a Rádio Nacional foi o símbolo maior desse *glamour* e desse *status*. Em nível local, a Rádio Difusora Acreana concentrava todas as atenções. Em ambas as situações, instrumentos de controle social, destinados a criar e manter as expectativas da comunidade dentro de limites aceitáveis, sem ameaças ao sistema como um todo.

Dentro desse contexto, surge em terras acreanas, com a participação principal de estudantes secundaristas e políticos profissionais, um movimento denominado “autonomista”, com a intenção de conquistar a emancipação política e administrativa do Território, elevando-o à condição de Estado. Movimento que dificilmente contaria com a adesão do povo em geral, não fosse o uso intensivo da Rádio Difusora Acreana.

#### **4. Movimento Autonomista: estratégias de organização e difusão**

Em 1945, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, o grande capital, notadamente os recursos de origem inglesa e norte-americana, retirou-se da Amazônia, deixando o Acre, cuja economia era totalmente extrativista, entregue à própria sorte. José Guimard dos Santos, que assumiu o Governo do Território no período de 1946 a 1950, percebeu essa situação e a expressou em um dos muitos textos que produziu: “(...) Soldados da borracha constituem uma coluna de fracassados, cujo processo de reabilitação está se processando, mas ainda precisamos de tempo e recursos”.

O primeiro passo para o processo de reabilitação era dar trabalho aos desempregados. Nessa perspectiva, foram desapropriadas as terras de um seringal denominado Empresa, para que no lugar fossem implantadas colônias agrícolas, algumas das quais se transformaram, posteriormente, em bairros da capital Rio Branco. Além disso, unindo a perspectiva de gerar empregos e transformar Rio Branco numa cidade minimamente dentro dos padrões da civilização ocidental, o Governo criou também na época várias fábricas de tijolos, telhas e material de construção.

Mas, apenas essas ações não bastavam para fazer o Acre um lugar minimamente agradável para se morar, muito menos para substituir a economia extrativa abatida pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Era preciso muito mais. Era preciso, além desse fortalecimento econômico, transformar o Território em Estado. Torná-lo autônomo,



política e administrativamente falando. Foi exatamente essa a maior bandeira que José Guiomard dos Santos levou para a Câmara Federal, em 1951, após deixar o Governo do Acre e se eleger deputado federal.

Em 1958, a idéia de autonomia do Território Federal do Acre ganhou um novo fôlego com a criação do Comitê Pró-Autonomia, por estudantes secundaristas. Eles apoiavam incondicionalmente o deputado José Guiomard dos Santos, a essa altura no seu segundo mandato. Os secundaristas entendiam que somente com o Acre transformando-se em Estado eles poderiam almejar cursar uma faculdade sem precisar abandonar a sua terra natal. Sobre as bandeiras de luta do Comitê Pró-Autonomia, vale a pena conhecer o depoimento de um dos seus membros, o advogado Omar Sabino de Paula, que anos depois ajudaria a aprovar a primeira Constituição do novo Estado.

Os autonomistas defendiam em primeiro plano a criação do ensino superior local; segundo, a regularização das terras dos agricultores do Acre, a titulação definitiva dessas terras; e terceiro, o funcionamento pleno da democracia no Estado, com todos os poderes pertinentes. Eram essas as aspirações da juventude acreana. (...) É interessante destacar que o Comitê dispunha de um órgão de imprensa, no caso o jornal *O Estado*, cujo diretor era o próprio deputado José Guiomard dos Santos. Eu era o redator-chefe desse jornal e nós fazíamos através dele uma ampla divulgação dos nossos ideais. (Depoimento a Márcia Nemetala Dourado Gonçalves, 2007).

Além do jornal *O Estado*, citado por Omar Sabino de Paula, havia um outro denominado *O Autonomista*. Este publicava, basicamente, artigos, poesias e manifestos. O primeiro, de conteúdo mais voltado para o esclarecimento da população, tinha como uma das suas peculiaridades a leitura das matérias nos microfones da Rádio Difusora Acreana. Omar Sabino, que exercia o cargo de diretor de imprensa e radiodifusão, lembra as articulações do Comitê para levar ao conhecimento do público os propósitos da causa autonomista.

(...) Na época desse departamento eu tinha à minha disposição os jornais, tanto *O Autonomista* quanto *O Acre* e *O Estado*, a Rádio Difusora Acreana e a Rádio Difusora de Cruzeiro do Sul. Então, eu dispunha de muitos meios para fazer a aproximação com o Comitê Pró-Autonomia, do qual eu era o secretário-geral. O diretor da Rádio Difusora Acreana era o Natal de Brito, que era de um entusiasmo incrível. Ele reunia informações, coletava notícias dos jornais, tudo o que interessava aos autonomistas ele

colocava nos noticiários. Além disso, conseguimos reservar horários para programas de divulgação das perspectivas do futuro Estado do Acre. Esses programas eram organizados pelo Comitê, oportunidade em que vários oradores se apresentavam, todos exaltando as possibilidades do Acre crescer, desenvolver-se e tornar-se igual às outras unidades da federação brasileira. (Depoimento a Márcia Nemetala Dourado Gonçalves, 2007).

Uma outra estratégia dos autonomistas era fazer parecer que o desejo de transformação do Acre em Estado não se resumia a um projeto político-partidário. Fragmento de texto publicado no jornal *O Acre*, na primeira metade da década de 1950, sob o título “Acre livre e Brasil mais independente”, deixa isso bem claro.

Conterrâneos de coração, saímos do berço desassombradamente e aceleramos os nossos passos em busca de uma bandeira de liberdade para a nossa terra, que é minha e que é tua. Saibamos honrar os méritos daqueles que tombaram pela independência deste rincão, um ardil golpe sem medirem conseqüência de desprendidos de paixões materiais (...) por um Acre livre, num Brasil mais independente.

Nem tudo, porém, eram louvores ao projeto autonomista. Havia também uma oposição bem articulada, liderada pelo deputado Oscar Passos, integrada, principalmente, pelos antigos seringalistas e senhores de terras acreanos. Um telegrama lido por Oscar Passos na Câmara Federal, em 1958, é um exemplo dessa oposição.

(...) acabo de receber da mais prestigiosa associação de classe do Território do Acre, daquela que representa o único sustentáculo econômico da região, um telegrama, verdadeiro grito angustioso ante o perigo que ameaça a todos. (...) Deputado Oscar Passos Rio. Rio Branco, 20 de março de 1958. A Associação dos Seringalistas do Território do Acre, única classe produtora local e que há 80 anos desbravou esse território e vem lutando para o engrandecimento parque industrial vg vem muito respeitosamente protestar perante Vossência contra o projeto apresentado na Câmara Federal vg qual pretende transformar este Território em Estado autônomo ou subvencionado pt (...) apela Vossência se digne evitar se consuma clamoroso atentado que virá estabelecer desordem vida econômica deste Território vg mormente com a criação de impostos estaduais além dos já existentes pt (...)

Em meio a essa situação que o Território do Acre vivia, as mulheres exerceram um papel fundamental, visto que elas se organizaram e estruturaram agremiações a favor do movimento pró-autonomia. As participantes dessas agremiações, pertencentes a várias camadas sociais e com variados graus de instrução, eram chamadas de “legionárias”. Elas tiveram um engajamento significativo nessa luta, cabendo-lhes a execução de diversas atividades políticas, culturais e sociais. Todas as atividades voltadas para o fortalecimento da idéia de transformação do Território em Estado, usando o viés da educação e da cultura como instrumento de doutrinação ideológica da população.

O movimento autonomista era um projeto de uma elite política que, em princípio, não incluía as mulheres. Os seus líderes, entretanto, perceberam que a inclusão delas na luta era a melhor estratégia para legitimar o ideal frente as camadas mais populares da sociedade acreana. Para tanto, faziam as “legionárias” estudarem com afinco socialismo e história, bem como o que estava acontecendo em outros países, fato que as ajudava a explicar diversos assuntos nas reuniões organizadas com a população. As “legionárias”, na palavra de Omar Sabino de Paula, “foram como um exército combatente. Ao se mobilizarem, discursavam, brigavam e sonhavam com um Acre Estado”.

Mesmo diante de uma oposição bem articulada e definida, sob o comando do deputado petebista Oscar Passos, que contava com a simpatia e o apoio do também deputado Tenório Cavalcanti, o lendário “Homem da Capa Preta”, o projeto autonomista saiu vitorioso, após quatro anos de tramitação no Congresso Nacional, com o Acre sendo elevado à categoria de Estado em 15 de junho de 1962, ato que culminou com a assinatura do Presidente da República, João Belchior Marques Goulart.

## **5. Uma rádio a serviço de uma causa**

A partir dos primeiros anos de 1950 há um maior engajamento de vários segmentos da sociedade local no sentido de fortalecer a luta política pela autonomia do Acre, luta essa que não mais se restringia ao foco regional, mas, ao contrário, ganhava foros nacionais, dados os debates que se travavam na Câmara Federal. O Acre, por conta disso, acabou ganhando destaque em jornais do centro-sul, com artigos apaixonados, tanto contra quanto a favor da causa.

Nos jornais acreanos, uma profusão de artigos escritos por defensores e adversários da bandeira de luta tentava convencer as pessoas dos seus respectivos argumentos.

Entre os defensores da elevação do Acre à condição de Estado, que utilizavam as páginas dos jornais *O Acre*, *O Autonomista* e *O Estado*, destaque para os seguintes jornalistas e/ou políticos: Omar Sabino de Paula, Geraldo Gurgel de Mesquita, Édison Martins, Alfredo Mubárac, Natal de Brito, Ivo Aguiar, Darci Fontenele e o próprio deputado federal José Guiomard dos Santos, considerado posteriormente o “pai da causa autonomista”.

Entre os opositores do movimento, que escreviam nos jornais *O Liberal* e *Tribuna do Povo*, o maior de todos chamava-se Foch Jardim, jornalista e advogado, udenista ferrenho, que não poupava os adversários em artigos corrosivos e que acabou tendo seus direitos políticos cassados pelo regime militar instalado no país em 1964, dois anos depois da elevação do Acre à condição de Estado.

A Rádio Difusora Acreana acabou entrando com maior vigor na luta pró-autonomia a partir de 1958, quando os autonomistas atentaram para o poder de penetração da emissora nas cidades do interior e nos seringais do então Território.

E foi assim que os líderes do movimento autonomista resolveram criar um programa de rádio, com veiculação às segundas, quartas e sextas-feiras, às 20h30m (horário nobre, logo após um programa de notícias denominado “A Voz do Acre”, quando todas as pessoas se juntavam ao pé do rádio para se inteirar dos últimos acontecimentos, tanto locais quanto nacionais).

Sob o comando do radialista Natal de Brito e participação dos mesmos jornalistas e políticos que escreviam nos jornais, o programa apresentava entrevistas com integrantes do movimento pró-autonomia, intervalos musicais, divulgação de perspectivas do pretendido Acre-Estado e leituras de matérias de jornais locais e nacionais simpáticas ao movimento.

“O programa tinha como base o esclarecimento para que o povo tivesse idéia do que seria o Acre-Estado, os benefícios que viriam quando o Acre passasse a Estado”, esclarece Elza Brito, viúva do apresentador Natal de Brito. Ela, que viveu de perto todos os momentos da luta, completa o raciocínio explicando o cerne do pensamento dos autonomistas.

A razão deles na época era para que o Acre não fosse uma colônia dentro do próprio Brasil, que ele tivesse autonomia. E quando o Acre passou a Estado, eles continuaram com o programa para dizer às pessoas o que fazer. Porque, mal comparando, as pessoas ficaram iguais no tempo em que houve a libertação dos escravos, sem saber o que fazer com a liberdade. Então, eles continuaram a fazer o programa, como uma forma de esclarecer o povo acreano. (Depoimento a Márcia Nemetala Dourado Gonçalves, 2007).

Para se ter uma idéia de como o espaço da Rádio Difusora Acreana era usado em prol da luta dos autonomistas, inclusive editoriais dos jornais a favor da causa eram lidos no programa criado pelo Comitê Pró-Autonomia. Como é o caso deste que segue, publicado no jornal *O Estado*, em 13 de dezembro de 1958, e lido na citada emissora, por Natal de Brito, no mesmo dia da publicação. Trecho.

Batalhar por um Acre mais livre, mais independente, mais digno, tem sido o lema dos autonomistas convictos e de ideal. IDEAL: aquilo que é objeto de nossa mais alta aspiração, aquilo que nos faz distinguir dos animais inferiores, aquilo que nos caracteriza viver em sociedade. Os que acreanos de verdade, seja de que forma for e tiver o cérebro acima do coração, não se torna indiferente da terra que é sua, de seus pais, irmãos e filhos. Os que são contra o ESTADO DO ACRE, sem uma base sólida ou convicção, algo se diz deles, do seu patriotismo e somos forçados a considerá-los até fracos. Fracos por quê? Porque destroem, brutalmente, um ideal nobre, preferindo viverem no comodismo eterno, verdadeiros parasitas, alimentando o fictício pavor de passar fome, sem a coragem de conseguir o necessário, com mais uma ínfima parcela de esforço honesto (...). (...). Força e entusiasmo não há de nos faltar para lutar por um ACRE mais digno dos seus filhos, para maior glória e grandeza do BRASIL.

No primeiro número do jornal *O Autonomista*, criado especificamente para dar suporte à causa de político-emancipatória do Território do Acre, um outro exemplo do engajamento da Rádio Difusora Acreana, que, mais uma vez na voz de Natal de Brito, reproduziu para cidadãos dos centros urbanos e dos seringais, na íntegra, o editorial cujos trechos vão reproduzidos abaixo, relacionando a figura de Plácido de Castro, o herói da luta contra a Bolívia pela anexação do Acre ao Brasil, no começo do século XX, com a bandeira autonomista de passagem do Território a Estado.

Na primeira edição deste periódico, que nasce a serviço de uma causa nobre, prestamos nossa homenagem ao maior de todos os autonomistas: Coronel José Plácido de Castro, o herói tranqüilo.

Plácido de Castro plantou no Acre uma semente que, infelizmente, ainda não germinou. Não deixa de constituir esse fato uma falha dos acreanos. Sim, prezados leitores, os acreanos ainda não cumpriram um dever sagrado para com a memória do destemido caudilho.

Se uns lutam a favor, outros, lamentavelmente, erguem a bandeira da oposição, ou ficam indiferentes.

Afirmamos que, se mãos traiçoeiras não houvessem levado à gelidez do túmulo o denodado brasileiro, o Acre desfrutaria uma situação diferente e nós os acreanos não nos sentiríamos tão insignificantes dentro de nossa pátria.

(...) Não somos inovadores. O ideal não é nosso: ele é de Plácido e seus bravos soldados, cuja memória reverenciamos com respeito e reconhecimento.

Qualquer manifestação ou notícia referentes à tramitação do Projeto de Lei nº 2.654/57, de elevação do Acre à Estado, era levado ao conhecimento da sociedade através da Rádio Difusora Acreana, apesar da legislação vigente determinar que a emissora estatal não poderia ter vinculação partidária. Para driblar a legislação, os autonomistas se organizaram em um comitê, garantindo, via disposição estatutária, que os seus fins eram meramente educativos e culturais e não, necessariamente, políticos.

Por último, vale ressaltar um artifício ardiloso usado pela direção da Rádio Difusora Acreana na batalha do convencimento da sociedade quanto aos benefícios do Território do Acre vir a se tornar Estado: o de alardear que ambos os lados contendores tinham igual espaço para defender as suas idéias, mas quase sempre conseguir um jeito de tornar inaudível a transmissão dos programas da oposição, com chiados e interferências tão inexplicáveis quanto providenciais.

## **6. A essência do caos: os fuzis, a diplomacia e as ondas do rádio**

A primeira leva de nordestinos a penetrar no espaço onde hoje se localiza o Estado do Acre ocorreu no final dos anos 70 do Século XIX. Fugindo da seca que castigava o Nordeste brasileiro e em busca de riqueza, via exploração do látex, matéria-prima para o fabrico da borracha, eles se embrenharam no extremo oeste da Amazônia até invadir terras da Bolívia, praticamente abandonadas. A invasão não poderia resultar em algo diferente que não fosse um conflito armado entre bolivianos e brasileiros, estes

liderados por um agrimensor gaúcho chamado José Plácido de Castro. As hostilidades somente foram encerradas com a intervenção da diplomacia brasileira que, em 1903, propôs um acordo aos bolivianos (Tratado de Petrópolis), pagando-lhes pelas terras, entre outros benefícios, um milhão de libras esterlinas. Estava criado o Território Federal do Acre. Pode-se dizer que este foi o primeiro ato perpetrado pelos acreanos (no caso os seus ascendentes) no sentido de escolher o próprio destino.

Depois disso, por conta da entrada da Malásia no cultivo da *Hevea brasiliensis* (a árvore de cujo tronco se extrai o látex, chamado de “ouro branco” à época), a Amazônia e, por extensão, o Acre viram o interesse internacional pela borracha produzida em seu espaço territorial despencar bruscamente. Situação que somente veio a mudar favoravelmente no fim dos anos de 1930, quando da eclosão da II Guerra Mundial. Configurou-se, então, nesse momento, a segunda grande leva de nordestinos para a região acreana. Dessa vez, seguindo o eco das propagandas do Governo Federal, que prometia aos que aceitassem vir para a Amazônia assistência técnica, financiamento e a perspectiva de enriquecimento rápido. Aos que aceitavam, lhes era passada a idéia de que, além de todos os benefícios, eles estavam prestando um verdadeiro serviço ao país. Tanto que foram batizados com o epíteto de “Soldados da Borracha”. Deixavam o *front* da Itália pelo “combate cívico” nas selvas da Amazônia.

Finalizados os conflitos da II Guerra Mundial, sem a sua principal fonte de renda e, também, sem praticamente nenhum controle sobre o próprio destino, o Acre começou a ser sacudido por um novo movimento emancipatório, o movimento pró-autonomia, liderado por José Guimard dos Santos, que pretendia transformar o Território em Estado, entendendo que somente assim poderiam advir benfeitorias para os filhos da terra. Uma luta extremamente complicada, uma vez que muitos acreanos, principalmente a classe dos seringalistas (espécie de senhores feudais da floresta amazônica), liderados por um político de nome Oscar Passos, empunharam o estandarte conservador do passado para conclamar o povo, no sentido de que o projeto desenvolvimentista não tivesse êxito. Essa batalha de idéias seria decisiva para o sucesso da empreitada, tanto no que diz respeito a um como ao outro lado. Quem conseguisse convencer a população, certamente seria o grande vitorioso.

Foi nessa arena conturbada por matizes ideológicos e interesses nem sempre altruístas que as ondas do rádio encontraram o terreno fértil para exercitar o seu poder. Habilmente usada pelos membros do movimento pró-autonomia, a Rádio Difusora Acreana, a ZYD-9, “A Voz das Selvas”, foi instrumento absolutamente decisivo para a

adesão dos habitantes do Território, tanto das zonas urbanas quanto rurais, para o desfecho do dia 15 de junho de 1962, em documento assinado pelo presidente João Belchior Marques Goulart. O Orson Welles caboclo se chamava Natal de Brito. E nem precisou anunciar ao mundo uma invasão marciana!

## 7. Referências Bibliográficas

BEZERRA, Maria José (org.). **Dossiê – Acervo: Guiomard Santos (Acre) – Elevação do Acre a Estado**. Rio Branco : Ufac, 1993.

\_\_\_\_\_. **Invenções do Acre: de Território a Estado – Um Olhar Social**. Tese de Doutorado. São Paulo : USP, 2006.

DEFLEUR, Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.

GONÇALVES, Márcia Nemetala Dourado. **A Importância da Rádio Difusora Acreana no Movimento Autonomista**. Monografia. Rio Branco : Iesacre, 2007.

LIMA, Mário José de. **Capitalismo e Extrativismo – A Formação da Região Acreana**. Tese de Doutorado. Campinas : Unicamp, 1994.

MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas Conseqüências para o Vale Amazônico**. Rio Branco : Ufac, 1998.

PINHEIRO, Francisco de Moura. **Impactos de Veículos de Comunicação de Massa Numa Reserva Extrativista no Estado do Acre**. Dissertação de Mestrado. Brasília : UnB, 1999.

RANCY, Cleusa Damo. **Raízes do Acre (1870 – 1912)**. Rio Branco : Falangola, 1986.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil**. São Paulo : Paz e Terra, 2003.